

(DES)COLONIALIDADE EM *A FILHA DAS FLORES*, DE VANESSA DA MATA

Elenildes da Silva Santos¹

Resumo: Neste trabalho, pretendemos demonstrar como a história em *A filha das flores* (2013) proporciona um debate sobre (des)colonialidade dentro dos conceitos estabelecidos por autores que discutem o assunto como Carbonieri (2015), Quijano (2005) e Dalcastagnè (2005). Verificamos que, na própria produção da narrativa, há (des)colonialidade porque possui autoria e protagonista femininas, contrariando as estimativas de produção literária no Brasil que é, em sua maioria, composta por homens. A protagonista, Giza, mora com as tias do lado de cá de uma BR que divide a cidade. A jovem se sente inferior em relação às tias, pois não tem seus corpos volumosos e cheios de curvas. Quando decide atravessar a BR e conhece o lado de lá, sua ideia sobre si muda, passa a se considerar tão feminina quanto às tias. Muda também a ideia que tinha em relação aos do lado de lá, banidos da cidade, porque eram adoradores de uma seita. Assim, vemos na história modelos de colonialidade, dominador/dominado, a partir das relações tias/Giza e lado de cá/lado de lá.

Palavras-chave: (des)colonialidade, a filha das flores, lado de cá/lado de lá

Introdução

Neste trabalho, o objetivo é demonstrar como a história em *A filha das flores* (2013), de Vanessa da Mata, proporciona um debate sobre (des)colonialidade dentro dos conceitos estabelecidos por autores que discutem o assunto como Carbonieri (2015), Quijano (2005) e Dalcastagnè (2005). A protagonista do romance, Giza, mora com as tias Florinda e Margarida, em uma cidade dividida por uma BR. Do *lado de cá* da BR, onde reside, predomina o discurso de inferioridade em relação aos moradores do *lado de lá*.

Entendemos o *lado de cá* e o *lado de lá* como territórios na narrativa, porém não territórios apenas em sentido físico ou geográfico, mas territórios discursivos, espaços delimitados pelo discurso em que há, no *lado de cá*, o discurso dominante por ser considerado “centro de tudo” (MATA, 2013, p. 69) e, no *lado de lá*, o discurso de marginalidade, proveniente do modo de seus moradores serem representados pelos de *cá*, e de como eles

¹ Licenciada em Letras/ Português pela Universidade Federal de Mato Grosso Câmpus Rondonópolis. Pós-Graduanda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso- Cuiabá.

mesmos se representam, delimitando seu território, ressaltando sua posição de ‘diferentes’ em resistência ao *lado de cá*.

Verificamos que a (des)colonialidade ocorre na narrativa de duas formas: a primeira provém da própria escrita, diante de uma escritora mulher contemporânea mato-grossense que tem, em seu romance, uma protagonista também feminina e seus questionamentos sobre o estereótipo físico feminino – Giza se considera inferior às tias Florinda e Margarida, porque não tem seus corpos exuberantes e cheios de curva; “corpo de mulher” (MATA, 2013), conforme a jovem menciona. Dalcastagnè (2005) fez uma pesquisa a respeito da produção literária no Brasil entre 1990 e 2004 e averiguou o perfil do escritor brasileiro: homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo, ficando à margem as mulheres, os negros, os homossexuais e os deficientes. Dessa forma, *A filha das flores* vai de encontro ao espaço da literatura brasileira, no qual as mulheres, sejam na autoria, sejam em personagens, compõem número inferior em relação aos homens. A segunda forma de (des)colonialidade provém de a autora perpassar o tema da religião, como fator de exclusão. Os do *lado de lá* eram adeptos de uma seita, a “seita de Yade” (MATA, 2013); e a ideia de exclusão que os de *cá* faziam deles devia em parte a esse fator – eram adoradores de uma seita, e esses adoradores eram bêbados e prostitutas. Assim, há mais um fator de (des)colonialidade na narrativa, instaurado no pareamento mulher prostituta/mulher decente; as de *cá* eram comedidas, riam pouco e se preocupavam com a moral e aparências; para as de *lá*, essas preocupações pareciam nem existir (MATA, 2013).

Verificamos também um fator de (des)colonialidade que, de certa maneira, destorce os casos evidenciados na literatura – o transitar entre espaços realizados pela protagonista. A protagonista se desloca do centro à margem, sai do *lado de cá* e vai ao *lado de lá*, em busca de livrar-se de seu estado de submissão. Diferentemente, em outras narrativas, o personagem que se encontra em estado de submissão percorre trajetória inversa – sai da margem, do subúrbio, da periferia, do interior ao centro, à capital. É o que acontece com o personagem Elvis de *GraceLand*.

Em *GraceLand* (2004), de Chris Abani, romance analisado por Carbonieri (2015), o protagonista Elvis, transita respectivamente pelos territórios, a aldeia Afikpo, o subúrbio Maroko e, por fim, os Estados Unidos, quando a narrativa termina. Elvis tinha experiências

traumatizantes na família, a mãe morreu de câncer, o tio abusava dele e da filha; o pai era alcoólatra. Em Maroko tentava ganhar a vida imitando Elvis Presley e teve envolvimento esporádico em tráfico de drogas e de órgãos. Redemption, um traficante, o achava bom demais para aquele lugar e forneceu um passaporte para os Estados Unidos. Conforme Carbonieri (2015), Elvis acreditava que os Estados Unidos eram o lugar onde viveria seu sonho com dignidade, pois lá havia negros que nem ele, estava “cheio de negros como nós, negros americanos, usando grandes penteados afro, [...] falando de qualquer forma com a polícia; verdadeiros *gangsters*” (ABANI, 2005 apud CARBONIERI, 2015, p. 07); mas o jovem ignorava o fato de que nos Estado Unidos os negros enfrentavam vários problemas de repressão policial (CARBONIERI, 2015). Diferentemente, em *A filha das flores*, a protagonista transita ao *lado de lá* ciente do quanto os moradores de lá eram mal vistos, e do risco que corria, porém, no decorrer da narrativa, vemos suas expectativas mudarem.

(Des)colonialidade em *A filha das flores*

Quijano (2005) conceitua a colonialidade como elemento constitutivo da sociedade mundial capitalista e que atua pela imposição racial/étnica que serve como parâmetro de poder e regula os diversos meios materiais e subjetivos das relações sociais. A colonialidade, esclarece o autor, não é igual a colonialismo, mas tem suas origens nele, perpetuando o modelo de dominador/dominado. A diferença é que o colonialismo se funda no controle da produção e trabalho de colônias, controladas pela sede colonizadora localizada, muitas das vezes, em outra jurisdição territorial, e nem sempre implica relações racistas de poder. Dessa forma, a colonialidade constitui a maneira pela qual os moldes de imposição e poder do colonialismo se perpetuam, mas sem a presença das colônias. Uma das marcas deixadas pelo colonialismo, e que a colonialidade estende aos dias atuais, é a ideia de raça que, segundo o autor, só passou a existir a partir da América.

O processo de colonização culminou no esfacelamento de fatores identitários de povos que foram reduzidos aos termos índio, negro e mestiço. O esfacelamento identitário era modo de promover a hierarquização do outro sob o interesse pela força de trabalho que se consumava por meio dos indivíduos em massa, não importando sua diversidade identitária,

nem a distinção entre os indivíduos do grupo; eram então reunidos sob única denominação. Para Quijano (2005, p. 12),

no momento em que os ibéricos conquistaram, nomearam e colonizaram a América (cuja região norte ou América do Norte, colonizarão os britânicos um século mais tarde), encontraram um grande número de diferentes povos, cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade. São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles: astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc. Trezentos anos mais tarde todos eles reduzem-se a uma única identidade: *índios*. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa. Assim também sucedeu com os povos trazidos forçadamente da futura África como escravos: achantes, iorubás, zulus, congos, bacongos, etc. No lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de *negros*.

A raça foi e ainda é elemento de justificação para imposição de poder que os dominadores realizam em relação aos dominados. Os colonizadores também tiveram seus traços identitários reduzidos ao termo brancos ou europeus, conforme o autor esclarece. Atualmente, isso também é percebido na sociedade – indivíduos, que faziam parte da subalternidade, deixaram de integrar a força de trabalho explorada, enriqueceram porque assumiram pouco a pouco o caráter de exploradores e apagaram seus traços identitários, instalando-se no agrupamento sob denominação, brancos.

A raça, embora sirva como base à legitimidade das relações de poder entre brancos e negros na colonização, é fator mais ideal que prático, pois, vias de fato, e em sentido contemporâneo, é branco não quem tem a pele branca, mas quem tem e exerce poder sobre o outro. Quijano (2005) esclarece que a raça é uma construção mental que representa a experiência da dominação colonial.

A partir do poder exercido pela Europa em relação às colônias, novas noções de estruturas dominantes foram estabelecidas, de modo que todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental (QUIJANO, 2005). Assim, entendemos que as relações de dominador/dominado na sociedade atual não são conduzidas apenas sob o pretexto da exploração de trabalho para o rendimento e controle econômico do dominador, mas outras instâncias sociais são moldadas na relação de colonialidade; muito embora acabem por ter fim no pretexto da exploração trabalhista; são algumas delas: homem/mulher; homem/homossexual; rico/pobre; nacional/estrangeiro.

Em *A filha das flores*, verificamos tipos de (des)colonialidade mais específicos (tias/Giza); (lado de cá/lado de lá), dos quais se desmembram situações ou temas que remetem ao conceito de (des)colonialidade, relacionadas à religião e a parâmetros de beleza física.

Giza mora com as tias Florinda e Margarida, as quais têm respectivamente quatro e dez anos a mais que ela. Não sabe quem são seus pais e suas tias não lhe falam disso. Ao completar dezesseis anos, Giza se compara às tias e percebe que não tem o mesmo corpo desejável, cheio de curvas. Crescera magra, sem os seis protuberantes e com cabelos mirrados, cuja serventia “começava e terminava no ralo, no seu entupimento” (MATA, 2013, p. 37):

completei os meus dezesseis anos quase como se ainda tivesse os meus doze, cresci apenas dentro da minha observação, dos meus desejos. Olhando para o corpo das minhas titias, me desejava como elas, fazendo força, palmo a palmo, para que meu corpo se integrasse e se gostasse como os delas, tão desejados, que se correspondesse e pertencesse a eles pelo menos em sangue. As minhas tias eram suculentas, mulheres de pecado e milagres, de comer com os olhos e com os dedos, de fazerem desejos saltar, pipocar do corpo por entre os orifícios tolos, desesperando quaisquer nervos pifados (MATA, 2013, p. 36).

No excerto acima, a afirmação de Giza “me desejava como elas” indica que os corpos das tias são estereótipo de feminilidade naquele local, por isso o desejo de Giza de ser igual a elas. O corpo curvilíneo representa o padrão de beleza física ao qual Giza pensa que não se adéqua, pois é magra, sem volumes. A cultura do corpo também prevalece nos meios não-ficcionais, seja por natureza ou por procedimento cirúrgico, as mulheres brasileiras são conhecidas lá fora pelo quadril e bumbum grandes. Ocorre que esse tipo de beleza termina por ser mais um instrumento de idealização – apesar das mulheres brasileiras terem essa fama elas não podem ser postas em um grupo homogêneo em relação ao formato do corpo; no Brasil, há, aos montes, mulheres com o formato do corpo de Giza também.

Quanto à cor de pele, a autora não faz grandes distinções na história. É mencionado que a tia Margarida era mais branca que as demais, “titia margarida era a mais branca de nós, com olhos grandes e amendoados, nos mesmos tons de amarelo e caramelo dos do avô [...]. Era uma covarde lindeza” (MATA, 2013, p. 38), mas isso não parece agravar a comparação que Giza faz às tias em relação ao formato do corpo; sua comparação de si às tias focaliza os volumes dos corpos físicos, não a cor deles. Porém, não se pode negligenciar que a ideia de ser mais branco que os outros, em um grupo, evoca ideia colonialista em que “ser mais

branco” remete a ser “melhor”. Além disso, ao proferir que a tia “Margarida era a mais branca”, Giza associa isso à beleza da tia que é acentuada: “era uma covarde lindeza”. Nessa perspectiva, se em vez de mais branca ela fosse mais negra, não é possível afirmar que permaneceria a associação entre cor de pele e beleza.

A ideia da cor branca associada ao “melhor” é herança do processo de colonização. Os negros foram trazidos para cá sob pretexto da exploração da força de trabalho e nada ganhavam pelo trabalho, pois, para os colonizadores, se eram de raça inferior não mereciam salário. Quijano (2005) argumenta que a classificação racial da população entre os europeus ou brancos desenvolveu neles a percepção de que o trabalho pago era privilégio dos brancos e a inferioridade racial dos colonizados os faziam indignos de salário; fato recorrente ainda hoje em qualquer lugar do mundo. Em *A filha das flores*, embora não seja mencionada a inferioridade de Giza às tias por conta da raça, ocorre a ideia de não merecimento de salário; Giza trabalha em uma floricultura das tias, é ela quem executa a maioria das atividades inclusive a entrega dos buquês na cidade, porém, ela afirma: “nunca recebi um tostão pelo meu trabalho, e nunca pensei que tivesse direito” (MATA, 2013, p. 271).

Quanto aos territórios *lado de cá* e *lado de lá* da BR, a raça dos de *lá* em relação à cor da pele não é nomeada, porém a autora faz um jogo linguístico importante com o nome da vila, existente no *lado de lá*, pelo qual a inferioridade que os de *cá* fazem em relação aos de *lá* parece está associada à cor da pele, sim – do *lado de lá* há a Vila Morena:

a redondeza revelava uma divisa proibida que me atraía. A divisão entre o plausível de uma sociedade de bom-tom e o bairro em estado doente e feio que a nossa cidade jamais admitiria ser dela, a vila dama da noite! A vila era a zona mais escondida, os mistérios do lado contrário à zona bonita, arborizada e organizada dentro dos comportamentos idealizados. Sempre ouvi histórias horripilantes, desconcertantes, todas acontecidas na vila. Lá, nesse bairro um pouco descolado das ruas do centro, era como se outro povo e outra cidade longínqua existissem (MATA, 2013, p. 65).

No excerto acima, percebemos a colonialidade dominador/dominado. O *lado de cá* está na posição de dominador, pois é mencionado como “uma sociedade de bom-tom”; enquanto que o *lado de lá* está em posição de dominado, pois é descrito como “o bairro em estado doente e feio que a nossa cidade [o lado de cá] jamais admitiria ser dela”. Não é possível afirmar que os de *lá* são da pele morena, fazendo jus ao nome da vila. Entretanto, a vila contém grupos marginalizados: adoradores da seita de Yade que foram banidas do *lado*

de cá (MATA, 2013). Além disso, possui construções coloridas e tortas desobedecendo a normas; é como se a estrutura do local se adequasse ao que os moradores são e querem ser: diferentes dos de *cá* e não ‘colonizados’ por eles. Ao completar dezoito anos, Giza se apaixonou por um rapaz, Tito, mas se decepciona quando o flagra aos beijos com a tia Florinda. A partir daí perde a confiança nela e na tia Margarida também, pois percebe que a relação com elas nunca foi calorosa e cheia de afetos. Tal decepção a faz atravessar a BR, em busca de novas experiências. Assim é a descrição que Giza faz quando adentra pela primeira vez o *lado de lá* da BR:

[...]. Casinhas coloridas e jocosas, de um mau gosto irrecuperável, encheram o meu corpo de riso, achei hilário. A desconstrução delas parecia propositada, feita para arrancar diversão dos outros – paredes tortas e cores exageradas, prontas a desbancar qualquer negociação com a civilidade. Azulão, laranja, pink, limão, roxo, preto, vermelhão chiclete. Onde eles conseguiam essas cores? Ofuscavam qualquer memória do neutro, do pastel, do bege ou do branquinho. Gostei do desembaraço delas, da falta de divisão dos quintais e das janelas tortas e paredes levantadas de qualquer maneira, das senhoras e moças sentadas em frente delas, conversando, rasgando o tédio da tarde e tomando chás gelados com cuias encaixadas no meio das pernas. Entendi que não necessitavam de nada para se desfazer das reservas e dos pudores; naquela hora, pensei que eles talvez nem existissem (MATA, 2013, p. 69).

No excerto acima, quando Giza afirma que “a desconstrução das casas parecia propositada, feita para arrancar diversão dos outros – paredes tortas e cores exageradas, prontas a desbancar qualquer negociação com a civilidade”, percebemos que os aspectos daquele local, antes reduzidos a “histórias horripilantes e desconcertantes”, são evidenciados e Giza compreende que seus habitantes são gente comum. Isso remete à redução das diversidades do povo colonizado à única nomeação com caráter de inferioridade. Na América, os escravos, embora se dividissem em povos e culturas diferentes, foram rotulados em um só grupo, negros (QUIJANO, 2005). No caso da Vila Morena, ocorre sua redução a rotulagens como “doente e feio”, lugar “escondido”, “outra cidade longínqua”, quando, na realidade, não é longe, pois basta atravessar a BR para chegar ao *lado de lá*; não é escondido, pois Giza consegue adentrá-lo sem problemas e sem resistência do povo de *lá*; também não é feio, pois Giza aprecia a diversidade das cores, as casas tortas, a “falta de divisão dos quintais” e a falta de “reservas e pudores” das senhoras e moças.

Quanto à religião, entendemos que os de *cá* são católicos, pois vão à missa aos domingos e há na história a presença de um padre, o padre Carlos, o qual Giza na infância

comparava a um palhaço, pois durante as missas, ficava reparando nos pés grandes dele, que calçados lembravam os pés de brinquedo que os palhaços usam. Os da Vila Morena, no *lado de lá*, seguiam a seita da Yade; não é esclarecido na história do que se trata exatamente a seita, apenas é dito que a entidade que a comanda é a Rainha Yade que seduz perdidamente os homens, e a ela são oferecidos festejos. Fora isso, quando as origens de Giza são esclarecidas, descobre-se que ela é filha de uma habitante da Vila Morena, amante de seu falecido avô (que na verdade era seu pai). Tal mulher havia invadido à cidade atrás do amante e com Giza ainda bebê nos braços. A esposa do avô se juntou num levante com outras mulheres e mataram a mãe de Giza. A esta nada fizeram, porque sua mãe, antes de morrer disse que se algo a fizessem, todos da cidade morreriam. Depois de sua morte, chegou um bilhete à cidade, advertindo de uma série de mortes que ocorreria na cidade como vingança da Yade por terem matado uma de suas filhas. De fato, a série de mortes aconteceu, muitos pais e mães morreram, inclusive os de Tito, o rapaz por quem Giza era apaixonada. Ao fim da história, é revelado que as mortes não foram provenientes de praga alguma, mas de envenenamento das águas com mercúrio, realizado pela esposa traída.

As religiões não cristãs, no Brasil, já existiam antes mesmo das cristãs, pela presença dos índios. Depois vieram os escravos que não tinham liberdade de cultuar seus deuses africanos, mas o faziam escondido. Em *A filha das flores*, a dominação da religião católica em relação à seita parece diferenciar-se um pouco do que ocorre nos meios não-ficcionais, em que religiões são banidas apenas por não serem consideradas cristãs, mas não porque se acredita que elas têm algum poder. Em *A filha das flores*, antes da revelação sobre a contaminação das águas com mercúrio, a seita não era associada ao engodo; os de *cá* de fato acreditavam que as mortes eram devidas a praga da Yade.

Carbonieri (2016) ao falar de uma experiência docente, pontua que o preconceito mais recorrente que vê surgir em sala de aula é o religioso e, diante de cenários religiosos em que o paradigma não é o cristão como da África e da Ásia, os estudantes expressam desde condescendência superior e paternalista até o desdém. Assim, a autora acredita que, para os graduandos, que são futuros professores, é importante refletir sobre forma de se tratar essa questão em sala de aula, em vez de frisar o estilo ou o movimento literário em que o autor da obra se instala. Diante disso, acreditamos ser pertinente averiguar a biografia da autora

Vanessa da Mata. No livro *A filha das flores* há uma rala biografia dela, não constando sua religião. Porém, segundo suas colocações na mídia, ela não é adepta de religião específica, apesar de muitas de suas músicas perpassarem temas das crenças afro-brasileiros. Em entrevista², a cantora se considera espiritualizada e positivista, sente energias ao seu redor com teor intuitivo como quando era mais jovem em que teve sonhos ruins representando advertência de vários assaltos que sofreu; teve uma avó que ia à igreja católica e era benzedeira também; possui hábito de orações, banho de ervas, banho de rosa branca e alecrim; discorre também sobre a guerra entre as religiões no mundo em busca da prova de qual religião é a melhor, quando a religião, para ela, deve ser algo agregador, e conclui que a verdadeira religião é o amor.

Na Vila Morena, Giza faz amizade com os bêbados e recém-saídos do presídio, Major e Salada, e com a prostituta Juliana. Seu contato com os de *lá* avança e ocorre a desconstrução da ideia de inferioridade que os de cá construíram sobre os de lá. Giza compara as mulheres dos dois territórios e percebe que as de *lá* são livres e felizes, não se importam com moral e aparências:

as da minha cidade eram comedidas, rancorosas, tristes e pouco envolventes, sempre zelando pela honra e pela aparência. Nunca eram vistas xingando ou gargalhando, gritando ou falando alto, bebendo demais, se descontrolando. [...]. Eram oprimidas pela conveniência e não se importavam em viver pouco por isso (MATA, 2013, p. 79).

O comedimento das mulheres, descrito no excerto acima, remete ao gênero enquanto resultante de práticas discursivas de que Butler (2003) discute. A autora discorre sobre o gênero enquanto performance, de modo que o gênero não tem a ver apenas com o biológico, mas com maneiras corporais que por tanto se repetirem foram normalizadas. Normalizou-se na sociedade que falar baixo, não falar palavrões, não gritar, não beber demais, não se descontrolar são atitudes de mulher, sobretudo de “mulher decente”, e, quando fazem diferente disso, o fazem às escondidas, como a personagem Florinda que teve um caso com Tito, mas nunca reconheceu publicamente, pois Tito não a quis para compromisso sério. Na Vila Morena, Giza encontrou atitudes femininas diferentes – a prostituta Juliana andava

² Disponível em: <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/platb/caminhosalternativos/2014/03/30/a-verdadeira-religiao-e-o-amor-diz-vanessa-da-mata/>. Acesso em: 01 jul. 2016.

rebolando, com roupas curtas, conversava, falava palavrão e bebia à vontade no bar com Major, Salada e demais frequentadores.

Giza, daí em diante, assimila o discurso do *lado de lá* e passa a agir como as mulheres de lá agiam, com liberdade. E assim percebe que é ‘tão mulher’ quanto às tias, que tem corpo desejável e atrai a atenção dos homens. É o que acontece em um dos festejos à Yade, em que ela encontra Tito e ele não a reconhece, porque ela está muito maquiada e com lenço na cabeça. Sua amiga, a prostituta Juliana, a aconselha a encarnar uma personagem: “dê boas risadas, largue essa sua fala esnobe e encarne alguma sem-vergonha dessas que há aqui aos montes. Aproveite, finja que já comeu muito homem, ouviu? Entendeu o que eu disse? Talvez ele não perceba” (MATA, 2013, p. 126).

Então, Giza age de modo semelhante às *do lado de lá* e seduz Tito. Os dois caminham ao carro do rapaz, e Giza percebe o olhar dos homens para si, rebola e sente que suas partes existem: “roçando as coxas e as nádegas uma com a outra, na total interligação das minhas diferentes partes, bandas, lados do meu corpo – antes, sempre separados ou adormecidos. As minhas partes existiam apenas quando eu as olhava, as lavava ou quando me machucava” (MATA, 2013, p. 131). Muitas outras transformações ocorrem na vida de Giza, engravida, sua tia Florinda enfurece, pois não suporta que Tito tenha preferido à sobrinha e tenta envenená-la; Giza sai da cidade; anos depois retorna com seu filho de 12 anos de idade; doutora antropóloga e repetida por todos.

Considerações finais

Neste trabalho, propomos discutir a (des)colonialidade no romance *A filha das flores*, de Vanessa da Mata. Com base na leitura do romance e no aporte teórico consultado, averiguamos que na narrativa há relações de colonialidade, de dominador/dominado. O pareamento se desdobra em outros específicos: tias/Giza; lado de cá/lado de lá; envolvendo temas também específicos analisados na narrativa, como o paradigma de beleza feminina e feminilidade do corpo curvilíneo; e também, no caso dos territórios, a religião tida por não cristã, e os sujeitos em papéis sociais colocados à margem – bêbados ex-presidiários, prostitutas.

Utilizamos ao longo do trabalho o termo (des)colonialidade e não colonialidade e descolonialidade enquanto processos separados, porque compreendemos, pelo menos dentro dos limites do presente trabalho, que descolonizar-se incide em colonializar-se novamente; tratando-se de processos interdependentes. Giza foi ao *lado de lá* e se sentiu feliz; as tias deixaram de ser parâmetro de beleza às quais se inferiorizava; porém, no *lado de lá*, acabou por se submeter a outro discurso – por exemplo, precisou agir da mesma maneira que às mulheres de *lá*, rebolar, rir e falar como elas, para conquistar Tito; se não houve submissão ao *outro*, houve submissão ao discurso dominante. Além disso, consideramos que o fato de a escritora trazer à baila os assuntos aqui discutidos é movimento de (des)colonialidade, pois coloca em evidência não apenas grupos sociais, mas perspectivas sociais (DALCASTAGNÈ, 2005) que ocorrem de maneira diferente em cada grupo, de modo que não os generaliza.

Referências:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARBONIERI, Divanize. GraceLand e Cidade de Deus: subvertendo a colonialidade nas favelas de Lagos e Rio de Janeiro. *Mulemba*, Rio de Janeiro, n. 13, dez. 2015, pp. 62-83.

CARBONIERI, Divanize. Descolonizando o ensino de literaturas de língua inglesa. *Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Campinas: Pontes, 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 26, 2005, pp. 13-71.

MATA, Vanessa da. *A filhas das flores*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, pp. 107- 130.